

Carlos
Marques da
Silva

Stephen J. Gould extinguiu-se

Com os melhores cumprimentos,
Carlos Marques da Silva

Paleontólogo.

Professor Auxiliar do
Departamento de
Geologia da Universidade
de Lisboa.

Colaborador do Centro
de Geologia da
Universidade de Lisboa.

Colaborador do
Museu Nacional de
História Natural da
Universidade de Lisboa.

Sócio do Centro de
Arqueologia de Almada.

Peça Carlos Marques da Silva
<http://www.cca.fc.ul.pt/~osilva/>

Stephen Jay Gould, Professor da universidade americana de Harvard, paleontólogo, evolucionista, divulgador científico, morreu. Faleceu no dia 20 de Maio de 2002, com a idade de 60 anos, vítima de cancro.

Stephen J. Gould foi um dos evolucionistas mais influentes do século XX e, seguramente, o mais conhecido do grande público desde Charles Darwin.

O renome do Professor Gould fora dos meios académicos era de tal ordem que chegou a participar, sob a forma de *cartoon*, na famosa série de desenhos animados "The Simpsons", tendo a renovação do seu *loft* no SoHo, em Manhattan, sido capa da prestigiada revista americana *Architectural Digest*.

A notoriedade de S. J. Gould no meio extra-académico deve-se ao seu empenhamento activo, quer como elemento catalisador, quer como participante, em grandes debates públicos nos EUA, nomeadamente no desencadeado em defesa da manutenção do ensino da teoria da evolução nas escolas secundárias americanas, como reacção à tentativa da sua eliminação dos *curricula* por parte dos defensores do chamado "criacionismo científico", tão popular nos meios fundamentalistas religiosos cristãos e judaicos conservadores estadunidenses.

Fora dos EUA, a reputação de Gould entre o grande público está, sobretudo, associada à sua vertente de divulgador científico *extraordinaire*. Enquanto ensaísta, Gould manteve, de 1974 a 2001, uma rubrica mensal na revista *Natural History*, do American Museum of Natural History de Nova Iorque, intitulada "This View of Life". No total, Gould escreveu a assombrosa quantidade de mais de 300 ensaios mensais consecutivos sobre temas de história natural, muitos deles posteriormente agrupados em compilações que rapidamente se tornaram *best-sellers*. Os livros *O Polegar do Panda* (1986), *Quando as Galinhas Tiverem Dentes* (1989), *O Sorriso do Flamingo* (1991), entre outros (*vide bibliografia de S. J. Gould em português, no final*), correspondem às traduções portuguesas de algumas dessas colectâneas de ensaios. Também em Portugal muitos dos seus livros constituíram verdadeiros sucessos editoriais, tendo sido alvo de várias reedições, contribuindo sobremaneira para a implantação entre as editoras e o público portugueses da literatura de divulgação científica, até então com fraquíssima expressão no nosso país.

No meio académico, Gould era simultaneamente admirado e invejado, reverenciado e vilipendiado pelos seus colegas. Famoso quer pelo seu brilhantismo, quer pela sua arrogância de *prima dona*, Gould desencadeou numerosos debates científicos que obrigaram os seus colegas paleontólogos e biólogos a repensar muitas ideias estabelecidas, arreigadas mesmo, sobre padrões e processos evolutivos. Um dos seus maiores contributos para a compreensão da cadência e do modo do processo evolutivo é a teoria dos equilíbrios perturbados ("*punctuated equilibria*" no original), que desenvolveu em colaboração com o paleontólogo Niles Eldredge.

Segundo a teoria dos equilíbrios perturbados, a existência das espécies, como já alguém disse, meio a sério, meio a brincar, é um pouco como a vida do soldado: "*longos períodos de tédio, entrecortados por curtos períodos de terror*". Ou seja, as espécies, uma vez surgidas, em vez de experimentarem uma longa e gradual transformação morfológica até darem origem a uma espécie descendente distinta, tal como anteriormente era defendido, atravessam, mais frequentemente, um período mais ou menos longo de estase morfológica, ou de equilíbrio, estase essa que é, a dada altura, interrompida, perturbada, por rápidos períodos (à escala geológica) de mudança anatómica associada à especiação, isto é, de geração de novas espécies. Não é por acaso, de resto, que esta visão do processo evolutivo foi desenvolvida por dois paleontólogos. A verdade é que o registo fóssil é pobre de exemplos de clara transformação gradualista das espécies. Mais frequentemente, as alterações morfológicas observadas nos fósseis ao longo das sequências estratigráficas surgem de forma abrupta, sem estádios intermédios entre aquilo que se considera como duas espécies distintas. A perspectiva tradicional consistia em atribuir esta repentina aparição de novas espécies a um artefacto da imperfeição do registo fóssil. De acordo com a teoria dos equilíbrios perturbados, estas transições bruscas observadas no registo fóssil são reais, exprimindo, nada mais, nada menos, que o modo como a evolução ocorre. Pode dizer-se que a aceitação deste facto, de certo modo, reabilita o registo fóssil, demonstrando que este é, na realidade, muito mais fiel do que a tradição determinava, livrando assim a Paleontologia de um estatuto auto-imposto de menoridade no seio das ciências evolutivas.

Os temas abordados por Stephen J. Gould têm, também, implicações que ultrapassam o âmbito estrito da Biologia e da Paleontologia, nomeadamente ao nível da Paleontologia Humana, da Arqueologia e da Ética. No seu ensaio "A Igualdade Humana é um Facto Contingente da História", em *O Sorriso do Flamingo*, aborda a questão da factualidade da igualdade humana e, mais interessante, da contingência histórica dessa mesma igualdade. Depois de demonstrar a igualdade humana, Gould surpreende-nos com a questão: "e se a história tivesse sido diferente?" E se existissem na actualidade, tal como sucedeu no passado, mais de uma espécie de homínidos vivendo simultaneamente? E se os homens de Neanderthal tivessem sobrevivido, como nos relacionaríamos com eles? Como equacionaríamos, então, a questão da igualdade humana?

Conheci S. J. Gould, por via da sua vertente de divulgador científico, através da sua obra, como seria de esperar. Em 1986, recém-licenciado em Paleontologia, li *O Polegar do Panda* e o modo elegante e arrebatador como Gould abordava questões paleontológicas e evolutivas, ou de história natural em geral, nos seus ensaios insuflou alma e deu cor ao modo cientificamente escurto (espero eu!), mas algo rígido e cinzento, como então manipulava e aplicava certos conceitos biológicos e paleontológicos que trouxera da Faculdade, seguramente por falta de maturação adequada.

Os trabalhos de tradução para o português e de revisão científica dos seus ensaios de divulgação científica, porque meticolosos por natureza, permitiram-me conhecer melhor e mais aprofundadamente o estilo "gouldiano" de abordar temas de história natural e ajudaram-me a amadurecer enquanto paleontólogo e divulgador científico incipiente. Posteriormente, "conheci" também o S. J. Gould cientista. O facto de partilharmos a mesma área de investigação, a da Paleontologia dos moluscos gastrópodes, determinou que consultasse bibliografia científica de sua autoria.

Na qualidade de tradutor e de revisor científico de algumas das traduções portuguesas das suas obras, fui apresentado, meteoricamente, devo acrescentá-lo, a Stephen J. Gould, no jantar em sua homenagem realizado na sequência da sua vinda a Portugal para a conferência "Patterns in the History of Life", proferida na Fundação Calouste Gulbenkian, salvo erro em 1997 (no âmbito da Semana Europeia da Cultura Científica e Tecnológica), perante um grande auditório a abarrotar. Direi, simplesmente, que foi uma honra.

Em jeito de conclusão, adaptando livremente uma famosa frase de Bertold Brecht, poderia dizer-se que: "Há homens que inspiram uma pessoa e são bons; há homens que inspiram duas pessoas e são melhores e há homens que inspiram toda uma geração. Esses são os imprescindíveis!" Stephen J. Gould pertence, na minha modesta opinião, à última destas categorias.

Outubro de 2002
Carlos Marques da Silva



"Poderia dizer-se que:

«Há homens que inspiram uma pessoa e são bons; há homens que inspiram duas pessoas e são melhores e há homens que inspiram toda uma geração. Esses são os imprescindíveis!»
Stephen J. Gould pertence, na minha modesta opinião, à última destas categorias."

Bibliografia de Stephen J. Gould em português

- GOULD, S. J. (1986) – *O Polegar do Panda*. Tradução portuguesa de Carlos Brito e Jorge Branco; revisão científica de Carlos Henriques de Jesus. Lisboa: Gradiva (Coleção *Ciência Aberta*, 12).
- GOULD, S. J. (1988) – *O Mundo Depois de Darwin. Reflexões sobre história natural*. Tradução portuguesa de Paula Vitória; revisão científica de Paulo Picciochi. Lisboa: Editorial Presença.
- GOULD, S. J. (1989) – *Quando as Galinhas Tiverem Dentes*. Tradução portuguesa de João Palmeiro e João Minhoto Marques; revisão científica de Carlos Marques da Silva. Lisboa: Gradiva (Coleção *Ciência Aberta*, 36).
- GOULD, S. J. (1991) – *O Sorriso do Flamingo*. Tradução portuguesa e revisão científica de Carlos Marques da Silva. Lisboa: Gradiva (Coleção *Ciência Aberta*, 49).
- GOULD, S. J. (1995) – *A Vida é Bela. O Xisto de Burgess e a natureza da história da vida*. Tradução portuguesa de Ana Maria Pires, Carlos Fernandes, Florbela Fernandes e Jorge Pires; revisão científica de Carlos Marques da Silva. Lisboa: Gradiva (Coleção *Ciência Aberta*, 49).
- GOULD, S. J. (1997) – *A Feira dos Dinossaúros*. Tradução portuguesa de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Publicações Europa-América (Coleção *Fórum da Ciência*, 24).